

**Móveis** Receita caiu em 2009, mas 2010 começa com encomendas maiores

# Giroflex antecipa conclusão do plano de reestruturação

Carlos Prieto  
De São Paulo

No início de 2004, o grupo Giroflex vivia um momento delicado em seus 52 anos de existência. A empresa, que tem seu forte nos móveis corporativos, sofreu com o fim da bolha da internet no começo da década e com o impacto econômico dos atentados de 11 de setembro nos EUA em 2001. Além disso, passou também a conviver com a paralisia dos negócios nos meses iniciais do primeiro governo do presidente Lula. Nesse momento, a direção do grupo definiu um plano de reestruturação com o objetivo de levar a empresa a um novo patamar até 2010. Seis anos depois e apesar da crise no fim de 2008 e início de 2009, o processo foi concluído um ano antes.

Transferido do conselho de administração do grupo para comandar a reestruturação, Osvaldo Ribeiro conta que o grupo já era uma S.A. de

capital fechado e tinha uma administração profissional desde a década de 90, mas alguns processos ainda eram pouco produtivos. O plano tinha três pilares: implantar um modelo de processo integrado, investir no desenvolvimento de produtos e renovar a rede de distribuição.

"Reforçamos o modelo de empresa de capital aberto, com divulgação de resultados auditados e um conselho de administração. Montamos um centro de design que hoje tem 25 profissionais pensando nos produtos dos próximos 5 anos. E reformulamos nosso sistema de vendas. Posso dizer que atingimos todos os nossos objetivos", diz Ribeiro.

A empresa fechou 2009 com faturamento em torno de R\$ 247 milhões, queda de 10% em relação a 2008, mas com alta de 12% nas encomendas, o que sinaliza crescimento na receita este ano. Ribeiro estima que o mercado onde o grupo atua gira R\$ 1,5 bilhão anualmente, incluindo as três unidades de negó-

cios: Forma (mobiliário), Tate (pisos) e Giroflex (assentos). A área corporativa representa 60% da receita, seguido pelos pisos (15%) e arquivos (15%). Apesar da crise nos dois primeiros trimestres de 2009, o número de empregados cresceu cerca de 5% no ano passado, somando 960.

O grupo Giroflex é controlado, desde 1975 por uma entidade beneficente, depois de o controlador ter doado sua parte na empresa. A Associação Beneficente Tobias possui 66% da holding Aurus, que controla o grupo. O restante pertence a Aceco Participações. A holding surgiu no início dos anos 2000, quando a Aceco (fabricante de arquivos) uniu suas operações com as empresas que já formavam a Giroflex.

Com o processo desenhado em 2004 concluído, a empresa começa a pensar no futuro. No ano passado inaugurou um centro de distribuição em Embu (SP), liberando espaço na fábrica de Taboão da Serra (SP) para futuras expansões. A estimativa

é investir R\$ 30 milhões nos próximos três anos. O grupo obtém recursos principalmente do Finep e de uma linha especial do BNDES para empresas com capacidade de inovação. O grupo ainda mantém parceria com a Giroflex da Suíça, origem da empresa no Brasil, para o desenvolvimento de produtos.

Segundo Ribeiro, o maior desafio é investir em produtos. "Não podemos nos iludir em relação aos chineses. Logo eles terão produtos de qualidade também no nosso segmento e o estrago será grande se não estivermos preparados."

O desenvolvimento de uma cadeira de alto padrão — com preço de venda entre R\$ 1,5 mil e R\$ 3 mil — leva de dois a três anos e exige algumas dezenas de milhões de reais, mas é a única forma de manter um espaço bem definido em um mercado que, como destaca Ribeiro, sofre com as importações de baixa qualidade, com cópias piratas e paga 33% de impostos sobre o preço final.



Ribeiro, presidente: "Temos de nos preparar para os produtos chineses"